

Saudade, às vezes, no Além,
Tem novo e estranho sentido...
E' muito maior que o bem
Que se julga haver perdido.

Dinheiro lembra no fundo
Estrume na plantação,
Que só serve para o mundo
Quando espalhado no chão.

Não mexas com vida alheia,
Tem coisa nessa manobra.
Cachorro bom de tatu
Costuma morrer de cobra.

Reencarnação — benefício
Que a outro não se compara,
E' o modo que Deus nos deu
Da gente mudar de cara.

TERRAS DE NHÔ QUINCA

Parecia uma fera de encomenda.
Quando Nhô Quinca dava a sapituca,
O povo no roçado ou na poruca
Chorava que nem cana na moenda.

Posseava das terras de contenda,
Tomou terra de Adão, terra de Juca,
As terras de Donana de Minduca...
Ele queria o mundo na fazenda.

Vem um velho pedir barro de oca,
Nhô Quinca bate nele na engenhoca
E cai num tacho quente de melado.

Morreu na raiva... E o pobre do Nhô Quinca
Só teve na fazenda da Cainca
Sete palmos de terra no cerrado.

Renova-te! Alguém já disse,
E disse com precisão,
Que a rotina é uma empregada
Escravizando o patrão.

— “Pão que sobra é contrabando,” —
Falou Maria Correia —
“Pedaço que está faltando
No prato da casa alheia.”

Caridade indiscutível
Evitar a tentação;
Se a gente guardasse a porta,
Não haveria ladrão.

Provérbio que o povo diz
E a vida atira nos ares:
Serás tanto mais feliz
Quanto menos desejares.

PAIXÃO DE “SÁ” BILUVA

João da Mata espichou no boqueirão.
Tirava pau no Morro do Esqueleto
Para o serviço novo do coreto,
Caiu, gritou... Morreu de supetão.

“Sá” Biluva na Roça do Pilão,
Magrela de paixão que nem graveto,
Vivia de clamar, toda de preto:
— “Quero ver João, meu Deus! Quero ver João!...”

O Espírito de João, com dó da viúva,
Veio uma noite e disse: — “Sá” Biluva,
Não chore, minha velha! Eu não morri!...”

Mas Biluva, assungando a cruz de ferro,
Rebolou no colchão, soltando um berro:
— “Te arrenego, capeta! Sai daqui!...”